



BIROn - Birkbeck Institutional Research Online

Soreanu, Raluca (2015) O Inconsciente social [The Social Unconscious].
Cadernos de Psicanálise – CPRJ 37 (32), pp. 231-237. ISSN 1413-6295.

Downloaded from: <https://eprints.bbk.ac.uk/id/eprint/12742/>

Usage Guidelines:

Please refer to usage guidelines at <https://eprints.bbk.ac.uk/policies.html>
contact lib-eprints@bbk.ac.uk.

or alternatively

O Inconsciente Social*

PENNA, Carla. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2014. 481 p.

Raluca Soreanu**

O livro de Carla Penna, *O Inconsciente Social*, publicado em 2014 pela Casa do Psicólogo, envolve-nos numa conversa que se dá num domínio entre a psique e a sociedade. Assume também a difícil tarefa de produzir uma reflexão cuidadosa sobre o estado atual do debate teórico no campo da grupanálise¹ para o público brasileiro. O livro oferece ao leitor uma discussão sólida, bem documentada e atualizada sobre temas como: o que é um grupo para os analistas de grupo? Como está sendo estudado? Enquanto avança em sua elaboração sobre o grupo e o inconsciente social (capítulos IV, V e VI), o livro realiza alguns gestos importantes (e, argumentarei depois, necessários), o que o torna interessante para uma audiência multidisciplinar. *O Inconsciente Social* pode ser melhor qualificado como um livro de escopo clínico amplificado – um livro que propõe uma abordagem psicanalítica do social. O público em potencial deste livro não é somente analistas de grupo, mas também psicanalistas interessados em temas sobre a cultura e o social, em teorias atuais e pesquisas sobre grupos e sociólogos que recorrem às ideias psicanalíticas.

Carla Penna escreve com traços dignos de uma socióloga da história, alerta aos processos históricos amplos, mas também ao contexto de emergência,

* NOTA DOS EDITORES. O texto foi escrito originalmente em inglês e a tradução foi realizada por IGOR PERES.

** Psicanalista, doutora Sociologia/University College London (Londres-Grã-Bretanha), Marie Curie Research Fellow/Department of Psychosocial Studies, Birkbeck College (Londres-Grã-Bretanha), membro associado em formação/CPRJ (Rio de Janeiro-RJ-Brasil).

¹ *Group-Analysis*, traduzido em Português por 'grupanálise', refere-se ao nome dado por S. H. Foulkes, na década de 40 na Inglaterra, ao trabalho analítico com grupos. Na América Latina, o uso do termo 'análise' para designar 'análise em grupo' foi problemático em alguns círculos psicanalíticos. Assim, a prática foi batizada de 'psicoterapia analítica de grupo'. A Escola Francesa, que se firmou mais tarde, já no final da década de 60, utiliza o nome *psychanalyse du groupe* para designar suas práticas grupais de base analítica.

tanto das ideias quanto das redes de teóricos que as portam e difundem. Psicoterapeutas de grupo podem beneficiar-se da ampla discussão sociológica sobre o individualismo e de recursos para problematizar a dicotomia entre o individual e o social, que Penna formula num diálogo com Georg Simmel e Norbert Elias. Psicanalistas podem se concentrar, também, na historização do individualismo, enquanto se familiarizam com os desenvolvimentos atuais, em torno da ideia de “grande grupo” com os detalhes que o livro oferece, muitos deles pouco conhecidos do público brasileiro. Finalmente, sociólogos se interessarão pelo amplo exame das ideias de Freud, analisadas no contexto de sua emergência, e da verdadeira ruptura que implicaram no pensamento sobre grupos e multidões, trazendo-se, principalmente, para a discussão as noções de pulsão e identificação.

Desde a primeira página da introdução, Carla Penna revela a motivação que a animou em sua jornada: o desejo de alcançar um melhor conhecimento a respeito da psicoterapia analítica de grupo no Brasil. Embora o livro se dobre para além desta questão e ofereça um perfil do campo internacional da grupanálise essa motivação inicial pode servir de lembrete aos psicanalistas: às vezes temos medo de grupos e de teorizações sobre eles. Leio a introdução de Penna como um convite à reflexão a respeito das razões históricas e traumáticas que fazem com que, em determinados momentos, tenhamos mais receio dos grupos do que em outros. Para o Brasil, Penna traça uma ligação direta entre o declínio de interesse pela psicoterapia analítica de grupo e a experiência da ditadura militar, que acarretou um tipo de retração do domínio público, mas também do tema dos grupos e da grupalidade como um tópico da investigação psicanalítica. Para leitores que desejam perseguir mais esta questão, sugiro *Uprooted minds: surviving the politics of terror in the Americas*, de Nancy Caro Hollander.

O livro de Carla Penna é homônimo à coletânea de ensaios de Earl Hopper (2003), que o precede em mais de uma década: *The Social Unconscious*. Vejo aí um gesto de diálogo, mas, mais importante, um gesto de busca de re-fundação do debate no campo da psicoterapia analítica de grupo brasileira sob bases diferentes. Há uma conversa substantiva e animada com Earl Hopper no livro, bem como com os últimos trabalhos organizados por Hooper e Weinberg (2011, especialmente no capítulo IV). Penna introduz as proposições de Hooper, suas vantagens em relação aos trabalhos anteriores sobre grupos, iniciados por Bion, e mostra como seus conceitos se conectam. É importante notar, contudo, como um ponto de diferença, que no segundo capítulo do livro de Hopper (2003) (em co-autoria com Anne Weyman), *A sociological view of*

large groups, a conversa sociológica se desdobra em torno de autores como Émile Durkheim, C. H. Cooley e Talcott Parsons. Que Carla Penna se encontre em diálogo com Georg Simmel, Norbert Elias ou Gabriel Tarde já é uma inovação no campo da grupanálise que almeja fundamentar trocas entre a sociologia e a psicanálise a respeito de temas renovados. Sua proposição revela algumas contribuições da perspectiva relacional e interpessoal na grupanálise, publicadas na coletânea editada de Hopper e Weinberg (2011) *The Social Unconscious in persons, groups and societies*. Uma questão aberta e desafiadora para esta fundação revisitada está em como orquestrar uma conversa de um vocabulário teórico (a respeito de grandes grupos, por exemplo) para outro, sem recorrer a equivalências pouco precisadas entre os termos do estrutural-funcionalismo e os termos da sociologia relacional. Não penso que este desafio seja “interno” ao livro, mas diz respeito a sua vida “externa”, aos debates com outras vozes do campo.

Como mencionei acima, há uma série de gestos teóricos necessários produzidos pelo livro, antecipando, especialmente, um compromisso multidisciplinar com psicanalistas, analistas de grupos e sociológicos. O primeiro destes gestos é também, em minha opinião, a principal contribuição do livro: agregar vozes que nos permitem problematizar a dicotomia entre o individual e o social. Carla Penna está alerta às profundas consequências de se estar preso a esta dicotomia e da naturalização do indivíduo como o “ator” ou “unidade de análise”. Ela escolhe mobilizar pensadores complexos, todos eles desafiando qualquer lugar comum presente na abordagem paradigmática: Georg Simmel, Norbert Elias e Gabriel Tarde. Elege igualmente autores que são capazes de capturar processos históricos e que historicizam seus próprios pensamentos, o que nos fornece mais argumentos a respeito do que organiza as afinidades da autora. Como resume Penna, na página 83: “[...] especialmente no que diz respeito à psicanálise e à psicologia dos grupos, é fundamental um pensamento que elimine as dicotomias entre indivíduo e sociedade, valorizando justamente as formas de *sociação*, as figurações e as interdependências.” Portanto, o primeiro capítulo constitui um tipo de enquadramento na história das ideias; fornece também um balanço da importância do individualismo para a construção do mundo moderno; e constrói um apontamento ontológico a respeito da construção não dicotômica do par indivíduo/sociedade. É neste registro que a discussão sobre a grupanálise se dá. Penna mostra um íntimo conhecimento sobre a circulação das ideias em seu campo e dos laços invisíveis que conectam diversos autores. Está a par do fato de que Norbert Elias, por exemplo, já está de alguma forma presente no debate: Foulkes foi

bastante inspirado pelos trabalhos de Elias, enquanto Dalal (1998) propôs sua ideia de “bandas elásticas” [“*elastic bands*”], baseando-se na teoria das figuras do sociólogo alemão.

Detenhamo-nos por um momento na importância de se sustentar gestos de pensamento não dicotômicos no espaço da sociologia. Muitos poucos pensadores lograram avançar uma proposição ontologicamente fundamentada, que desestabilize uma das mais empobrecedoras oposições da teoria social: entre o indivíduo e a sociedade, entre o individualismo e o holismo. Claro, não se pretende que psicanalistas aprendam com os sociólogos como levar a cabo seu complicado trabalho, mas de formas oportunas de transdisciplinaridade capazes de aportar novas soluções. Penna argumenta que há um profundo relacionalismo que aproxima Simmel e Elias, onde o social é visto como um conjunto de relações: “[...] tanto para Simmel quanto para Elias, o todo – seja uma sociedade, um grupo ou uma comunidade – é um todo relacional constituído pelo conjunto de relações, que se estabelecem entre os elementos que o compõem.” Gostaria de acrescentar uma interpelação oriunda de minhas próprias afinidades, mas que poderia servir como uma linha de abordagem bastante proveitosa na grupanálise: a do trabalho de Cornelius Castoriadis (1987), que é, não somente um pensador não dicotômico, mas que formulou uma crítica substantiva dos pares dicotômicos que percorrem as ideias filosóficas ocidentais. Em suas palavras: “o indivíduo não é, para começar e principalmente, nada além da sociedade. A oposição indivíduo/sociedade, quando os termos são tomados rigorosamente, é uma falácia total” (CASTORIADIS, 1991, p. 61).

Os próprios termos do debate no domínio humano mudaram para uma compreensão não-dualista da psique e da sociedade. Num diálogo indireto com diferentes linhas da teoria da estruturação (Anthony Giddens, Margaret Archer), Castoriadis clarifica que é simplesmente inútil postular que “a sociedade produz os indivíduos que por sua vez produzem a sociedade” (CASTORIADIS, 1991, p. 145). Qualquer argumento como este da constituição circular obscurece, não só o fato de que a “sociedade não é uma propriedade de composição” (1991, p. 145), mas também que todo o edifício do pensamento sobre todos-e-partes colapsa, quando nós estamos falando da sociedade e o que emerge é “um tipo de relacionamento que não possui analogia em parte alguma” (1991, p. 145). Em Castoriadis, o que é particularmente frutífero para os analistas de grupo é justamente sua contribuição para a relação entre todos e partes. Não é somente o fato de que o “todo” contém um excedente qualitativamente distinto da soma das partes – ao contrário, no meu modo de entender – as “partes” são as formas particulares de ser e devir que são somente por

virtude de sua participação no todo; o todo é por sua vez ilegível em sua particularidade de ser e devir sem as partes. Embora Penna mobilize Castoriadis em seu capítulo final, que explora definições do inconsciente social, penso que, para além mesmo do escopo do livro, um diálogo sistemático com Castoriadis poderia trazer ideias cruciais para a grupanálise.

Retornando à construção do livro e seus gestos necessários, o capítulo II reforça a descrição histórica do surgimento do individualismo, comentando as mudanças socioeconômicas do século XIX na Europa e a emergência concomitante das teorias irracionistas do coletivo. Penna pinta um quadro do século XIX, no qual a multidão selvagem é o inimigo cercado pela operação de diferentes forças sociais. A autora oferece uma leitura atenta das ideias de Gustave Le Bon e Gabriel Tarde. Embora existam inúmeras críticas das teorias de Le Bon, a análise cuidadosa de Carla Penna dos vetores do conservadorismo que atravessa seus escritos, assim como de suas inovações, entendidas em seu contexto histórico, constitui um importante ponto de partida sobre a reflexão a respeito de tipos variados de demonização da multidão. A “demofobia” de nossos tempos, presente ao redor do mundo nas reações às ondas atuais de protesto e manifestações que ocorreram nos últimos anos, será necessariamente assentada em diferentes tipos de conservadorismo. Nesta parte do livro, a estratégia de Penna é colocar lado a lado Gustave Le Bon e seu contemporâneo provavelmente mais interessante, Gabriel Tarde. Embora a autora situe acertadamente Tarde próximo a Freud, no que tange às suas ideias de grupalidade, pergunto-me se em um projeto futuro não seria mais proveitoso (especialmente pensando a partir da grupanálise) trabalhar marcando uma descontinuidade mais forte entre as ontologias de Le Bon e aquelas de Tarde. Isto permitiria à grupanálise recuperar um Tarde mais luminoso, capaz de abordar as formas de criatividade dos grupos e multidões e não somente seus estados regressivos. Penna é cautelosa o bastante para recusar certa linhagem de “tardofilia” que, ultimamente, veio a caracterizar algumas vozes na sociologia contemporânea. Sustento que esta efervescência em torno do trabalho de Tarde não está despida de razões profundas. Tarde é um autor original e não paradigmático que pode ser posicionado numa linhagem que inclui pensadores como Gilles Deleuze e Félix Guattari. Na página 115, Carla Penna comenta a aproximação entre Simmel, Elias e Tarde, que também acredito ser a tríade produtiva de seu livro “[...] a psicologia das multidões em Tarde revelou a impossibilidade da existência do indivíduo sem o social. Corroborando as ideias desenvolvidas no mesmo período na Alemanha por Simmel [...] sobre a sociedade e as formas de *sociação*, bem como a teoria das figurações proposta por Elias [...]”.

O terceiro gesto necessário que a autora produz consiste em conceder a Freud seu merecido lugar revolucionário entre os pensadores do grupo. As várias contribuições de Freud sobre o grupo permanecem um lugar ao qual retornar para as articulações psicanalíticas subsequentes. Penna reconhece plenamente a importância da ideia de libido e de identificação para pensar os grupos. Aqui, os sociólogos poderiam ter muito a ganhar com a leitura de sua reflexão sobre a natureza libidinal do laço grupal. Ela discute as transformações do narcisismo individual no contexto do grupo, o narcisismo das pequenas diferenças e seus aspectos econômicos, o estranho [*unheimlich*] e a grupalidade, agressividade e a pulsão de morte no contexto do grupo, a questão da homogeneização interna dos grupos e as estabilidades e instabilidades do circuito pulsional na formação de grupos.

Penna utiliza os três capítulos seguintes para traçar um perfil das articulações teóricas próprias ao campo da grupanalise. Esta é, em si, uma tarefa difícil, que Penna desempenha com uma notável erudição. Com a minúcia digna de uma historiadora e a sensibilidade para com as tendências sociais e políticas mais amplas digna de uma historiadora das ideias, Penna propõe sua explicação de como conceitos tão diferentes surgem e são difundidos no campo. Destacaria, particularmente, a extensa parte do livro que a autora dedica aos experimentos de Northfield, se referindo à pesquisa pioneira sobre grupos, de Rickman e Bion, durante a segunda guerra mundial. Penna escreve uma história bem coesa dos experimentos de Northfield, das dificuldades lá vividas por Bion, Rickman, Foulkes e Main e das formas de criatividade que eram específicas deste começo. Isto apresentará, certamente, ao leitor brasileiro novidades significantes. Ressaltaria também a descrição que a autora oferece da interrupção da aventura pioneira dos experimentos com grupos em um espaço onde havia um conflito entre a cultura militar e a cultura do cuidado. Penna sabe que o momento Northfield possui uma qualidade quase mítica, sendo o acontecimento fundacional do campo. Porém, recontar a história e atribuir status a este acontecimento produz consequências significantes no sentido de possibilitar análises posteriores sobre a dificuldade de se trabalhar psicanaliticamente num cenário institucional, e no sentido de atravessar os fantasmas particulares sob os quais uma e outra geração são forçadas a desempenhar o trabalho psicanalítico (neste caso, é o fantasma recente da segunda guerra mundial e o fantasma da re-emergência do fascismo).

O livro prossegue para discutir o trabalho de Pierre Turquet (e sua teoria do *Oneness*), Lawrence, Bain e Gould (e sua teoria do *Me-Ness*), Earl Hopper (e suas proposições sobre *Incohesion: Aggregation/Massification*), e Vamik Volkan (e seus grupos etnonacionais), dentre outros.

Leio o capítulo final de Carla Penna, que traça vários elementos de definições tentadas para o inconsciente social (começando por Fromm e Castoriadis e terminando com Hooper e Weinberg) como um tipo de antecipação de uma possível questão que emanaria do público multidisciplinar que seu livro interpela: “qual é o seu objeto de estudo?”. Creio, contudo, que a resposta para a questão: “o que é o inconsciente social?” deverá ser nada menos que uma ontologia, articulando psique e sociedade e não meramente uma definição. A tríade que emerge do livro de Carla Penna – Georg Simmel, Norbert Elias e Gabriel Tarde – cumpre a promessa de uma importante abertura no campo da grupanalise.

Raluca Soreanu

r.soreanu@bbk.ac.uk

Rio de Janeiro-RJ-Brasil

Referências

CASTORIADIS, Cornelius. *The imaginary institution of society*. Cambridge: Polity Press, 1987.

CASTORIADIS, Cornelius. Power, politics, autonomy. In: CURTIS, D. A. (Org.). *Philosophy, politics, autonomy*. New York /Oxford: Oxford University Press, 1991. p. 143-146.

DALAL, Farhad. *Taking the group seriously: towards a post-foulkesian group analytic theory*. London: Jessica Kingsley, 1998.

HOLLANDER, Nancy Caro. *Uprooted minds: surviving the politics of terror in the Americas*. New York and London: Routledge, 2010.

HOPPER, Earl. *The Social Unconscious: selected papers*. London: Jessica Kingsley, 2003.

HOPPER, Earl; WEINBERG, Haim (Org.). *The Social Unconscious in persons, groups and societies. Volume 1: Mainly Theory*. London: Karnac, 2011.

PENNA, Carla. *O Inconsciente Social*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2014.